



Fóóóóô!

Francisca Vieitas Vergueiro*

Com seus dedos longos, finos e ágeis de menina-quase-moça, unhas pintadas, cada uma de uma cor, ela havia anotado em seu *iPhone* o telefone do meu consultório. Eu não estava preparada para a foto que naturalmente viria a seguir – claro!, filhas de séculos diferentes, minha paciente e eu. Ela, nascida no berço tecnológico do século XXI, e eu, que aprendi a “datilografar” antes que a palavra digitar fizesse parte do nosso vocabulário cotidiano.

Sexto órgão dos sentidos, os celulares registram em sua memória necessidades do cotidiano: lista de compras, trajetos, o detalhe de uma fachada, a placa do carro que bateu, o machucado, a flor, a tatuagem – tudo o que queremos guardar, o que precisamos lembrar, o que desejamos mostrar a alguém.

Como extensão do corpo, os celulares conversam, têm boca e ouvido. “Falei pra ele que não queria mais, ele disse que tudo bem, nem ligou”. Do meu lugar de escuta analítica, demoro a entender que a conversa foi por escrito – *Whatsapp*. Faltam-me os tons, os sons, os gestos, tudo o que daria alma a essa conversa. Mas eles sabem, apreendem, interpretam. Sentem o interlocutor por meio do texto escrito.

Estou me alfabetizando no universo da análise sem a presença do corpo. Ou melhor, como corpo presente por meio da voz. Atendo por *Skype*, em geral, nas análises que seriam interrompidas porque o paciente não está mais no mesmo lugar geográfico que eu. Mas a geografia do planeta mudou depois da internet – milhares de quilômetros e a transferência continua, viva e demandante. Prefiro não usar a imagem: recebo e cumprimento o paciente, desligo a tela assim que ele se “deita” no divã. Ficamos às escuras, ligados pelo som, a voz é nosso lugar de encontro. Um *setting* que vai se compondo à medida que a demanda começou a surgir. Percebo que a experiência me aporta uma escuta, nessa condição de distância física. Os silêncios, as pausas, os suspiros, sinais da angústia, continuam presentes, é possível apreendê-los e aprender a escutá-los, afinar os receptores para tal. Uma forma radical da posição do analista atrás do divã. Afinal, não estamos nós, analistas, sempre no escuro?

* Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.





Os celulares, as câmeras, os computadores, vêm se revelando como dispositivos tecnológicos produtores de sentidos. Mais do que isso, transformaram-se em instrumentos de nossa capacidade de ouvir, olhar e pensar.

Imagino a sacudida que a invenção da fotografia, em 1839, provocou na arte. Como pensar a pintura no contexto em que a tecnologia poderia, então, reproduzir a realidade *como ela é*? Por certo houve uma reorganização no ofício: mapas, retratos, vistas de cidades e de campos, reportagens, ilustrações, trocam de mãos, dos pintores aos fotógrafos. Mas a crise, no sentido de ruptura como modo usual de se pensar a pintura, encontra dois caminhos: um deles sustenta que a arte é uma atividade espiritual, que não pode ser substituída por meios mecânicos; o outro, legitimando o conflito entre fotografia e pintura, postula a necessidade de clara definição entre as funções da imagem pictórica e da imagem fotográfica. Restaria à pintura, liberada de sua tarefa tradicional de “representar o verdadeiro”, mostrar a originalidade de sua produção.

Estariam os impressionistas, pintando nas margens do Sena, imprimindo em pinceladas grossas, toscas, a luz, o brilho e as cores que lhes chegavam, tão distantes de minha jovem paciente, que em um movimento espontâneo captura um instantâneo daquela nossa última sessão?

Muitas tentativas foram e são feitas para colocar “a coisa” do inconsciente em imagem. Atualmente, produções para televisão procuram retratar o tratamento psicanalítico, chegando, no máximo, ao psicoterapêutico. As pessoas e pacientes assistem, comentam, parece que procuram a chave que abriria o segredo: a mágica da psicanálise. Pontalis relata que quando, em 1925, Abraham propôs a Freud um projeto cinematográfico, ele se opôs, com a seguinte observação: “Minha principal objeção continua a ser que não me parece possível fazer de nossas abstrações uma representação plástica minimamente respeitável” (Pontalis, 1991, p. 160).

Com a expressão “nossas abstrações”, penso que Freud condensa todo o universo da psicanálise, da metapsicologia à prática clínica. Uma síntese impossível: a imagem fixa, o inconsciente pulsa.

“Fotografamos para lembrar, para proteger a experiência da precariedade da memória. Fotografamos para deixar o rastro da felicidade dos momentos vividos. Para afirmar aquilo que nos agrada, para cobrir ausências, para deter o tempo, e, pelo menos, ilusoriamente, adiar a inevitabilidade da morte”



(Fontcuberta, 2010, p. 40). A ficção seria, finalmente, acreditar que aquela fotografia, instantâneo testemunhal do último momento daquela análise, pudesse fixar o fluxo de tudo o que se passou ali, entre nós.

Não há gesto ingênuo na sala de análise.



Argan, G. C. (1992). *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fontcuberta, J. (2010). *O beijo de Judas: fotografia e verdade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Pontalis, J-B. (1991). *Perder de Vista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Schapiro, M. (2002). *Impressionismo*. São Paulo: Cosac Naify.

REFERÊNCIAS